Trunfo na manga

O Brasil deve aproveitar as lições do episódio da vaca louca e aplicá-las nas negociações pela Alca

PEDRO DE CAMARGO NETO

Nunca uma questão de comércio internacional ocupou tanto espaço na mídia e, mais que isso, na mente dos brasileiros. O Poder Executivo e o Congresso Nacional em conjunto com a sociedade reagiram com indignação, em atos espontâneos, contra a intempestiva e injusta suspensão de importação de carne bovina promovida pelo Canadá.

O empresariado nacional e de certa forma a sociedade olhavam pouco para o exterior. O imenso mercado interno, aliado ao próprio modelo de desenvolvimento, eminentemente autárquico no comércio exterior, não estimulava a acompanhar de perto as questões internacionais. O Instituto do Açúcar e do Álcool, o Instituto Brasileiro do Café, a carteira do Banco do Brasil para o trigo, os cartórios de similar nacional, além dos múltiplos controles de gaveta da nossa burocracia, faziam isso para nós.

Repentinamente o país se viu discutindo as implicações do Acordo de Livre Comércio das Américas, as dificuldades de participação na Organização Mundial de Comércio e até mesmo o significado de um verdadeiro Mercosul.

A chamada globalização ganhou contornos mais definidos. A integração física, da tecnologia, é inexorável e precisa garantir avanços na qualidade de vida do brasileiro, e não o inverso. Isso só será conseguido através da globalização política, e é essencial que a compreendamos para conquistá-la. A vaca louca proporcionou um importante aprendizado.

Os privilégios dos países desenvolvidos na OMC foram desmascarados para a opinião pública brasileira. A quase omissão da sociedade no passado em questões de comércio internacional justifica as posições tímidas que muitas vezes o Brasil apresentou. Mudamos, e daqui para frente as negociações internacionais precisam garantir ao país os benefícios da globalização. Ofereceu-se ao governo uma clara orientação.

Blocos e sociedade

A discussão sobre a Alca foi também extremamente benéfica. Não se trata de ser contra ou a favor de um acordo de teor desconhecido, que ainda não foi negociado. A Alca sem o Brasil não existe e diferentemente do processo eminentemente rolo compressor da OMC nesse caso será mais simples deixar de assiná-lo. Exigirá porém coragem e forte apoio político da sociedade.

Mas não podemos perder a oportunidade de negociar uma Alca benéfica ao Brasil, uma Alca que promova desenvolvimento, que obrigue a União Européia a se aproximar também do Brasil, derrubando barreiras e corrigindo distorções que na OMC – fica a cada dia mais evidente – ainda irão durar muito. Essa Alca, com todas as implicações que vão muito além das Américas, pode existir, mas exigirá muita competência e principalmente apoio da sociedade.

O Mercosul foi todo negociado com participação insignificante da sociedade. Também no antigo Gatt, mesmo na última rodada de negociações, houve pouquíssima participação. Embora estejamos muito melhor do que no passado, talvez ainda não seja o sufi-

ciente. A globalização, acompanhada pelas transformações internas da última década, requer atenção redobrada. O episódio da vaca louca foi útil nesses aspectos.

A estratégia brasileira

A estratégia montada pela diplomacia brasileira – com pouca, porém felizmente crescente, participação da sociedade – será colocada em destaque. O desejo de ver nosso país assumir uma posição de liderança, inicialmente no cone Sul e depois na América do Sul, será certamente questionado pelo gigante do Norte e pelos vizinhos do Sul.

Uma primeira grande questão, que precisa ser debatida, é até quando estaremos dispostos a ceder no comércio de curto prazo para mantermos a frágil liderança política do processo. No longo prazo, e desde que concluída com sucesso, a estratégia desenvolvida pela diplomacia brasileira, que tem contado com o apoio da sociedade, parece correta. Seu sucesso no longo prazo, e seu custo comercial no curto, são porém questionáveis.

A primeira frustração ocorreu com o Chile. A ânsia de ver esse importante país do Cone Sul inserido no projeto político Mercosul levou a diplomacia brasileira, com o incentivo do próprio presidente da República, a ceder em quase todas as divergências comerciais. Durou pouco o sonho geopolítico. Bastou um aceno do gigante do Norte para percebermos a realidade. Felizmente o custo em comércio de curto prazo foi pequeno.

Surpresas evitáveis

Participa-se pouco desse tipo de discussão. Não se trata de reclamar da pouca transparência das decisões do governo; mais do que isso, a sociedade tem se mostrado despreparada para acompanhar de perto o ritmo das decisões. Existe limitada pressão no governo por maior discussão. Poucos setores empresariais e também da sociedade conseguem a organização e competência necessárias para não serem surpreendidos com acordos internacionais em que não foram lembrados ou até mesmo saíram prejudicados.

Preparada ou não a sociedade, as negociações estão em andamento. Organizar a sociedade em tempo hábil é muito difícil. O episódio da vaca louca proporcionou um rápido e importante aprendizado. Foi, porém, somente uma primeira lição. Precisamos discutir amplamente se a estratégia original permanece viável e correta.

No Mercosul, o desejo político e ímpeto de curto prazo conseguiram superar, ou talvez tenha sido atropelar, muitas divergências comerciais. O que temos é um sucesso?

Certamente avançou-se muitíssimo no intercâmbio comercial e na aproximação dos quatro países. Mas estamos longe de ser um verdadeiro mercado comum. Reduziram-se, muitas vezes de maneira drástica para setores desorganizados, barreiras e exceções tarifárias. Acomodaram-se políticas complexas de setores mais organizados dos dois lados. Passaram-se alguns anos negociando um acordo para a indústria automobilística, sem que a sociedade de maneira geral soubesse exatamente o que ocorria. A idéia política de aproximação entre os povos é o grande sucesso.

Participar para ganhar

O processo de criação de um mercado comum esteve invertido. Sequer iniciamos a harmonização de políticas macroeconômicas, item básico, pois mesmo internamente aos países, não conseguimos avançar nesses temas. Não deveria ser surpresa que a pauta de divergências caracterize ainda a questão cambial e as diferenças de política tributária.

Enfrentaremos as negociações da Alca, queiramos ou não. Novamente voltaremos aos dilemas de perdas e ganhos no curto e no longo prazos. Parece-nos claro que desta vez precisamos sair com ganhos comerciais de curto prazo. São poucos os setores onde isso é possível.

Infelizmente ou não, será na agricultura que precisaremos conquistar imediatas posições de mercado. Isso significa que diversas políticas do Norte terão que ser alteradas de maneira muito rápida. A Alca terá que representar mudanças drásticas em políticas que são vacas-sagradas dos gigantes do Norte. Drásticas e rápidas, pois tem sido o Norte que persiste no desejo de antecipar o cronograma da integração.

Negociar a Alca, com a coesão do Mercosul, fortalece a posição brasileira. É preciso que nossos parceiros saibam desde já o que esperamos dessa futura negociação. O amplo acesso que a agricultura dos vizinhos tem aos consumidores brasileiros precisa ser lembrado e valorizado. A agricultura brasileira pagou um importante preço pelo Mercosul. A Alca representa o momento de cobrarmos as perdas da agricultura brasileira.

A Alca perde sentido sem o Brasil, o que nos coloca em posição privilegiada. Será preciso saber usar esse trunfo. É o momento para a agricultura do Brasil, e também do Sul do continente americano, conquistar acesso aos ricos consumidores do Norte. É preciso seguir o caminho aberto pela vaca louca.

O empresariado nacional e a sociedade como um todo olhavam pouco para fora. O imenso mercado interno, aliado ao próprio modelo de desenvolvimento, eminentemente autárquico no comércio exterior, não estimulava a acompanhar de perto as questões internacionais.

Pedro de Camargo Neto é presidente do Fundepec – Fundo de Desenvolvimento da Pecuária de Corte.